

## A mitologia clássica no humanismo do renascimento português

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO

*Universidade Católica Portuguesa — Braga*

**Abstract:** We aim to reflect on the importance of mythology in 15<sup>th</sup> century Latin discourse, highlighting its close connection to the Christian worldview. A similar attitude is to be found in 3<sup>th</sup> century Christian authors and in biblical texts.

**Keywords:** Classical mythology, Renaissance, Humanism.

Quando transpomos a muralha da Fortaleza de Sagres e percorremos as veredas estreitas a desafiar inóspitas falésias, conquista-nos a magia do lugar a que os antigos chamaram *promontorium sacrum*. Finisterra misteriosa, que nos murmura segredos inaudíveis, da intrépida gente henriquina que ousou ir além do horizonte a desafiar os perigos do *Mar Tenebroso*. Lugar mítico dos descobrimentos portugueses, que nos convida à reflexão, a um regresso às nossas origens, aos primórdios da nacionalidade portuguesa. Envolta pelo sobrenatural, a conferir maior simbolismo à data, a independência de Portugal afirma-se com a lenda do milagre da Batalha de Ourique, a 25 de Julho 1139, dia de S. Tiago, patrono dos cristãos em luta com os mouros. Justifica-se a vitória das forças cristãs, em número muito inferior aos muçulmanos, pela intervenção divina, pois a Afonso Henriques *na Cruz o Filho de Maria / Amostrando-se o animava*<sup>1</sup>. Havia de ficar ainda esta data associada à sua aclamação como rei.

Também as origens da Hélade estão plasmadas em narrativas fabulosas, os mitos. Indiferentes à verdade, verbalizam eles experiências

---

<sup>1</sup> LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III. 45. 04-05. Vide ANDRÉ DE RESENDE, *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Edição fac-similada da de 1593 (Lisboa 1996) 198; MARIA DE LOURDES CIDRÃES, “Dos mitos, dos Poetas e dos Tempos (Literatura, Memória Histórica e Imaginário Nacional)”: *Revista da Faculdade de Letras* 26 (2002) 63-70.

partilhadas que conduzem à coesão de um grupo social<sup>2</sup>. Exilado na corte de Pélops, que lhe havia de confiar a educação de seu filho, Crisipo, Laio enamorou-se do jovem e raptou-o. Este grave delito na sociedade grega mais primitiva, na época em que surgiu este mito, vai suscitar o terrível oráculo que há-de pesar sobre Laio e sua descendência. Da união com Jocasta vai nascer o ‘amaldiçoado’ Édipo que porá termo à vida do pai e desposará a própria mãe. Ambiente semelhante rodeia o início da mítica Guerra de Tróia: na ausência de Menelau, rei de Esparta, Páris rapta sua filha Helena e arrasta-a para a Tróia de Príamo, seu pai. Por dez longos anos se arrasta a guerra que vai opor esta cidade ao exército de Agamémnon. Até que, mercê do ardiloso cavalo de madeira, Tróia é saqueada e destruída pelos Gregos. E os Poemas Homéricos a imortalizaram.

A um conjunto de mitos de um povo, de uma cultura ou de um país dá-se o nome de mitologia e, deste modo, podemos falar em mitologia grega, romana ou até em mitologia portuguesa<sup>3</sup>. Povoada por deuses e heróis, comuns à religião, a mitologia grega foi organizada por Homero e Hesíodo, como se depreende do testemunho do historiador grego Heródoto (séc. V a. C.): «Efectivamente, penso que Hesíodo e Homero são anteriores a mim uns quatrocentos anos, e não mais. Foram esses os que inventaram aos Gregos a teogonia e atribuíram aos deuses os seus nomes, que repartiram as suas honras e artes, e que descreveram a sua forma.»<sup>4</sup>

Entre estes relatos fantásticos, chamam a nossa atenção os mitos cosmogónicos, que narram a criação do mundo. Na *Teogonia* de Hesíodo, posterior aos Poemas Homéricos, pode ler-se: «Primeiro que tudo houve o Caos, e depois a Terra de peito ingente... Do Caos nasceram o Érebro e

---

<sup>2</sup> ANTONIO LÓPEZ EIRE, “Edipo en Colono: la vejez en el mundo occidental”: SANTIAGO LÓPEZ MOREDA (ed.), *Ideas. Conflicto, drama y literatura en el mundo antiguo* (Madrid 2003) 53-55.

<sup>3</sup> VICTOR JABOUILLE, *Do mythos ao mito* (Lisboa 1993) 31. A propósito, vide PAULO F. ALBERTO, “Mitos, Lendas e História”: *Classica* 24 (2002) 233-249.

<sup>4</sup> *Livro II*, 53: MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Hélade. Antologia da Cultura Grega* (Coimbra 1998) 233.

a negra noite e da Noite, por sua vez, o Éter e o Dia...»<sup>5</sup> Por aqui nos aproximamos da linguagem mítica do Livro do Génesis, o primeiro da Bíblia, quando descreve a história das origens (1-11): «No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse . ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita...»<sup>6</sup> Aqui se narra a criação do homem a partir do barro (2, 7), a árvore da Vida e da ciência (2,9-10; 3, 1-6) e o mito da serpente (cap. 3), que nos trazem à memória os mitos de Prometeu e de Pandora. O que se explica pela influência dos mitos do próximo oriente, nomeadamente da Suméria, da Babilónia e de Ugarit.

Os romanos vão assimilar a mitologia grega, emprestando-lhe uma feição singular: a mitologia de Roma, como a caracterizou Victor Jabouille, «nunca foi fantasmagórica nem cósmica: foi nacional e histórica»<sup>7</sup>, ocupa-se essencialmente com a fundação e desenvolvimento da própria cidade. E a mitologia divina, de natureza grega, vai lentamente perdendo a sua expressão e reduz-se ao ritual.

Manancial de temas, que alimentou a inspiração de poetas, as mitologias grega e romana, transmitidas através da literatura ou de recolhas dos mitólogos, não-de ser redescobertas pelos humanistas do Renascimento, para servirem de novo como elemento de criação artística<sup>8</sup>.

Assistimos na época de quinhentos, em Portugal, à criação do Colégio das Artes, em 1548. Ali se preparavam os alunos para a frequência dos cursos universitários. Num ambiente que privilegiava a formação literária (Gramática, Retórica e Poética), ao teatro, sobretudo à tragédia, se havia de reconhecer um papel pedagógico determinante na

---

<sup>5</sup> *Teogonia*, 116-117; 123-124: MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Hélade* cit., 92.

<sup>6</sup> *Génesis* 1.1-3: *Bíblia Sagrada*. Texto da 4.<sup>a</sup> edição revista sob a direcção de Herculano Alves (Lisboa /Fátima 2003) 24.

<sup>7</sup> *Do mythos* cit., 41.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 44.

formação da juventude<sup>9</sup>. Entre os mestres bordaleses, havia um escocês, George Buchanan que, segundo confessa, escreve tragédias para afeição os alunos à Antiguidade Clássica<sup>10</sup>. A entrega do Colégio aos jesuítas em 10 de Setembro de 1555 deu um novo impulso à tragédia neolatina: «esta, sem deixar de ser sobretudo um ‘poema sacro’, na esteira da herança medieval — como afirma Nair de Nazaré Castro Soares — transpõe para as figuras bíblicas todo um realismo simbólico que as identifica, no seu comportamento, no seu agir consciente ou involuntário, com personagens do mundo real contemporâneo, com suas paixões, conflitos e problemas muito actuais, expressos numa linguagem e num estilo que evidencia claramente um marcado classicismo formal.»<sup>11</sup>

Neste particular, assume especial relevo a produção dramática neolatina do humanista jesuíta P. Luís da Cruz, nascido muito provavelmente em 1542<sup>12</sup>, na cidade de Lisboa. Depois da sua formação em Coimbra, o Colégio de S. Paulo, em Braga, vai acolhê-lo na qualidade de professor da primeira classe de retórica, em Setembro de 1563. São os primeiros passos dum longo e profícuo magistério, que se há-de prolongar no Real Colégio das Artes até 1597<sup>13</sup>, tendo sido professor de humanidades durante catorze anos<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> Vide MÁRIO BRANDÃO, *Documentos de D. João III*. 4 vols (Coimbra 1937-1941): vol. II, 47-48.

<sup>10</sup> Vide Georgii Buchanani *Vita ab ipso scripta biennio ante mortem: Opera Omnia*, Lugduni Bataurorum, apud Iohannem Arnoldum Langerak, 1725, §§ 30-37.

<sup>11</sup> NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, “Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista”: ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO (Coord.), *Actas do Symposium Classicum I Bracarense A mitologia clássica e a sua recepção na Literatura Portuguesa* (Braga 2000) 74-75.

<sup>12</sup> Cf. *Arquívum Romanum Societatis Iesu*, *Lus.* 43-II, 466r.

<sup>13</sup> Com efeito, a partir de 1598, os Catálogos limitam-se a confirmar a sua presença em Coimbra (Cf. ARSI, *Lus.* 39 a, fl. 2r e 6v). Muito provavelmente, 1597 terá sido o último ano do seu magistério (vide Catálogo Trienal de Abril de 1597 — *Lus.* 44-I, fl. 121 — que o indica como professor da 1.ª classe de humanidades).

<sup>14</sup> Cf. ARSI, *Lus.* 44-I, 175r. Torna-se oportuno um breve esclarecimento: na década de oitenta, o segundo lustro passou-o exilado no Colégio de Bragança; no primeiro, não deve ter exercido magistério, pois em Abril de 1593 são-lhe atribuídos

A interrupção da actividade docente nesse ano parece explicar-se com o início dos trabalhos que haviam de conduzir à publicação das suas peças, num encorpado volume, nas oficinas do célebre impressor Horácio Cardon, em Lião, corria o ano de 1605. Por julgarem de grande utilidade esta recolha, os superiores da Ordem, diz-nos Luís da Cruz, «ordenaram que eu compusesse as que eram da minha autoria e que estavam quase mortas e as preparasse para o prelo»<sup>15</sup>.

Representada muito provavelmente em 1574, no Real Colégio das Artes, a tragicomédia *Iosephus* é uma das seis peças ali editadas<sup>16</sup>. Inspirada na história bíblica de José do Egipto (*Génesis*, 37-50), é uma obra que vem à luz em época tridentina e de Contra-Reforma e se integra no teatro escolar de tema bíblico que conheceu dimensão europeia. Os Jesuítas desde cedo o utilizaram para veicular a mensagem cristã, ao serviço da catequese, pois por ocasião das representações reunia-se uma vasta plateia, oriunda de diferentes estratos sociais.

E vem a propósito referir dois temas fundamentais da doutrina católica que suscitaram a reflexão do dramaturgo nesta tragicomédia: a questão do livre arbítrio e, em estreita conexão, a afirmação de um único Deus que preside aos destinos do Universo. Embora governado pela providência divina, que tudo rege, mesmo as coisas mais ínfimas, é ao homem que, na sua libérrima vontade, cabe a última palavra nas escolhas que faz. O magistério de Luís da Cruz está amparado, não o

---

doze anos de docência em Humanidades (Cf. ARSI, *Lus.* 44-I, 74r. A mesma informação é reiterada em Maio de 1590 (Cf. ARSI, *Lus.* 44-I, fl. 25kv).

<sup>15</sup> «... mandarunt ut quae apud me errant pene mortua, concinnarem pararemque ad praelum» [*Praefatio ad lectorem* in: TRAGICAE COMICAEQVE ACTIONES, A REGIO ARTIVM COLLEGIO SOCIETATIS IESV: DATAE CONIMBRICAE IN PVBLICVM THEATRVM *Autore Ludouico Crucio, eiusdem Societatis, Olisiponensi: Nunc primum in lucem editae et sedulo diligenterque recognitae. CVM PRIVILEGIO. LVGDVNI, APVD HORATIVM CARDON, 1605, fl. \*\*v.* Para a tradução, vide P.<sup>o</sup> LUÍS DA CRUZ, SJ, *O Pródigo (tragicomédia)*. Prefácio, traslado e notas por J. Mendes de Castro. Introdução e tradução do Prólogo por R. M. Rosado Fernandes (Lisboa 1989) 24].

<sup>16</sup> A tragédia *Sedecias*, a comédia *Vita-Humana*, e as tragicomédias *Prodigus*, *Manasses restitutus* e *Iosephus*.

esqueçamos, pelo livrinho fundacional da espiritualidade da Companhia, os *Exercícios Espirituais*<sup>17</sup>.

Filho predilecto de Jacob, a perfídia fraterna vai empurrar José para a escravidão egípcia. Os caminhos tortuosos de Deus hão-de conduzi-lo à presença do faraó, a fim de decifrar o sonho das sete vacas gordas e de outras tantas enfezadas. Assombrado com a sagacidade do vidente, eleva-o a Príncipe do Egipto que, com prudência e em sinal de gratidão, vai gerir os negócios do reino. Enquanto os efeitos da fome alastram pelo Orbe e as nações demandam os celeiros do Egipto, José atormenta-se com as inevitáveis dificuldades da sua família, que ficara em Canaã. Impotente, por enquanto, para lhe aliviar o sofrimento, e na disposição de perdoar aos irmãos, atalha o solilóquio com a menção à divina Providência:

*Iosephus*

«...                   ...*Sed tuae, o clemens pater,*  
*Consilium ego quid sileo prouidentiae?*  
*Per illa fratrum scelera, perque adulterae*  
*Libidinem mulieris, et per compedes,*  
*Per carceris tormenta quam teterrimi,*  
*Ad sceptrum compulisti. Quae non debui*  
*Sperare felix munera, obtinui miser.»*

*José*

*‘Mas como posso eu silenciar, ó Pai bondoso, os desígnios da tua*  
*Providência?*  
*Através daqueles crimes dos meus irmãos, e da paixão da mulher adúltera,*  
*e dos grilhões e dos tormentos da prisão horrorosa, trouxeste-me ao trono.*

---

<sup>17</sup> Para mais pormenores sobre a importância desta afirmação, vide ADRIEN DEMOUSTIER, “L’originalité des *Exercices spirituels*”: *Les Jésuites à l’âge baroque*. Sous la direction de Luce Giard (CNRS) et Louis de Vaucelles S.J... (Grenoble 1996) 23-35. Acerca deste tema, vide SANTO INÁCIO DE LOIOLA, *Exercícios Espirituais*. Tradução de Vital Cordeiro Dias Pereira. Organização e notas de F. Sales Baptista (Braga <sup>3</sup>1999) números 366-369, 183.

*Os presentes que não devia esperar, quando era feliz, obtive-os na desgraça!*<sup>18</sup>

Naturalmente, sentimo-nos tentados a afirmar que esta Providência esmaga a nossa liberdade. E neste ponto, podemos recordar, naturalmente, a experiência de Job, narrada no livro sapiencial vetero-testamentário com o mesmo nome. A resposta vamos encontrá-la no testemunho que seu pai Jacob nos dá dos tempos conturbados da sua juventude, a propósito da instabilidade da vida humana, um *topos* clássico<sup>19</sup>. Com efeito, Jacob havia de escapar ao ódio de Esaú, seu irmão, e procurar a casa do tio Labão, de quem vai receber a mão de Lia e, sete anos depois, da eleita Raquel:

*«Id euenire dico prouidentia  
Regentis orbem numinis, sed arbiter  
Etiam actionum quisque conciliat sibi  
Peiora rerum, ex sorte commutabili:  
Potiora iuuenis sed mihi optauit Deo  
Opem ferente: namque cum fugi mei  
Peregrinus odium fratris atque auunculum  
Adii Labanum a patria extorris domo.»*

*‘Eu digo que isto acontece pela providência da divindade que governa o mundo.*

*No entanto, ainda assim é cada um de nós, como árbitro das suas acções, que da sorte mutável tira para si as piores coisas.*

*Porém, eu, ainda jovem, escolhi as coisas melhores para mim, com a ajuda de Deus. Com efeito, como peregrino, evitei o ódio do meu irmão e, exilado da casa paterna, fui para casa do meu tio Labão.*<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Cf. IV.05.2786-2791. As citações são feitas a partir da edição crítica desta peça, policopiada, organizada por nós: ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, *O P. Luís da Cruz, S.J., e a tragicomédia Iosephus. II: Edição crítica* (Braga 2001).

<sup>19</sup> Vide, a título de exemplo, na Literatura Grega, Simónides (fr. 6 Diehl) e Píndaro (*II.<sup>a</sup> Ode Olímpica*, vv. 35-37; *VII.<sup>a</sup> Ode Olímpica*, vv. 95-96. Na Literatura Latina, Névio (fr. 16 Strzelecki), Virgílio (*Eneida*, VIII.16; VIII.578-580) e Séneca (*Cartas a Lucílio*, V.47.10; *Troades*, vv. 1-19; 260-275; *Phaedra*, vv. 1144-1153; *Hercules Oetaeus*, v. 123; *Agamemnon*, vv. 407-413; *Thyestes*, vv. 32-36).

<sup>20</sup> Cf. I.01.161-168.

Preterido, assim, o pessimismo antropológico luterano, é à luz desta hierarquia de valores que se deve interpretar a primeira inovação desta poética teatral que, em lugar do *fatum* próprio da tragédia clássica, coloca a providência divina.

O tema bíblico vai permitir ao poeta entretecer a sua fábula, com uma estrutura que há-de reflectir o objectivo primordial da Companhia de Jesus: a salvação das almas próprias e das dos próximos, aperfeiçoadas no conhecimento do Altíssimo<sup>21</sup>. Este combate por Deus, sob as ordens do Pontífice Romano, foi reforçado com um voto especial que obriga os membros da Companhia a «ir sem demora para qualquer região... quer julguem dever enviar-nos para entre os Turcos ou outros infiéis...»<sup>22</sup>, para proveito das almas e propagação da fé<sup>23</sup>.

Consciente da solenidade da matéria, Luís da Cruz redigiu o prólogo desta tragicomédia em estilo elevado, persuasivo, arrebatador da densa plateia que assistia à representação.

Num tom majestoso, claramente apelativo, o Anjo da Guarda da Europa, depois de ter percorrido, num voo, os vastos territórios dos seus povos (*harum uolatu gentium prouincias*<sup>24</sup>), narra ao Arcanjo S. Miguel os crimes que assolam esta belicosa Europa (*bellicosam Europam*<sup>25</sup>). Num crescendo de intensidade discursiva, o Homem surge esmagado por crimes cometidos contra a sociedade (*scelus*<sup>26</sup>) e contra si próprio (*flagitia*<sup>27</sup>), afastou-se de Deus e adora, agora, os rochedos e troncos de árvores:

---

<sup>21</sup> Cf. SANTO INÁCIO DE LOIOLA, *Constituições da Companhia de Jesus anotadas pela Congregação Geral 34 e Notas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. Cúria Provincial da Companhia de Jesus (ed.) (Braga 1997) 24.

<sup>22</sup> “Fórmulas do Instituto da Companhia de Jesus”: SANTO INÁCIO DE LOIOLA, *Constituições da Companhia de Jesus... cit.*, 11.

<sup>23</sup> JOSÉ MANUEL MARTINS LOPES, *O projecto educativo da Companhia de Jesus. Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias* (Braga 2002) 43.

<sup>24</sup> Cf. Prol. 01.01-03.

<sup>25</sup> Cf. Prol.01.1.

<sup>26</sup> Cf. Prol.01.7.

<sup>27</sup> Cf. Prol.01.9.

«*Velox, adiui uasta terrarum sola,  
Qua uorticosus Tanais in Pontum fluit:  
Adusque pelagi limitem terrae ultimas  
Lambentis oras. Error, impietas, scelus  
Commune repit. Lumen illud luminum,  
Haustum a parente, flagitia mortalibus  
Paene abstulerunt. Saxa diuinis colunt  
Truncosque placant ligneos honoribus.  
Et te relinquunt alme Regnator poli  
Animose ductor ... ..*»

*'Veloz, visitei somente a vasta superfície da terra, por onde corre o rio Tánais, em direção ao Ponto, até à fronteira do mar que banha as costas mais remotas da terra. O erro, a impiedade e o crime campeiam por toda a parte. Aquela luz das luzes, haurida de nossos primeiros pais, esses crimes quase a arrancaram aos mortais. Prestam culto aos rochedos e aos troncos de madeira veneram com honras divinas. E esqueceram-se de ti, Arcanjo Miguel, bom chefe e enérgico príncipe das milícias celestes...'<sup>28</sup>*

Mas uma luz de esperança vai ecoar nas palavras do Arcanjo S. Miguel, que nos transmitem a visão da futura capital da cristandade, que se há-de implantar na cidade de Roma, sob o signo da Verdade:

«..... .. *Praepes animose euola  
Mecum per auras. Cernis illa horrentia  
Dumeta siluis? Inter umbrosum nemus  
Fluuium sonantem qua mare urget in ferum  
Obiecta sacra litori? Surget manu  
Illic potenti ciuitas, primum impia,  
Iura pietatis inde sed populi petent,  
Cum ueritati uanitas dederit locum,  
Nomen erit urbi Roma, Tibris, flumini.*»

*'Ó anjo magnânimo, voa comigo pelas alturas! Vês aqueles horrendos matagais? E o ressoar do rio, entre o umbroso bosque, por onde arremessa para o mar feroz os objectos sagrados lançados às suas margens? Erguer-se-á ali uma cidade com mão poderosa, que primeiramente fora infiel. Mas a seguir, os povos hão-de procurar os*

---

<sup>28</sup> Cf. Prol.01.4-13.

*direitos da religião, logo que a credulidade der lugar à verdade.  
O nome da cidade será Roma, Tibre, o do rio.*<sup>29</sup>

Num tempo marcado pela divisão da Igreja e propício a querelas teológicas, matéria de reflexão nas tragédias renascentistas, como o tema da predestinação, já acima referido, o dramaturgo jesuíta vaticina não só a supremacia da Igreja Católica de Roma<sup>30</sup> como a libertação da *Europa Cristã*<sup>31</sup> do raivoso Tirano (*rabidi Tyranni*)<sup>32</sup>:

*«Generose princeps, tutor Europae, tua  
Laetare sorte. Nunc tibi custodia  
Laboriosae gentis infandae grauat  
Humeros sceleribus. Tempus orietur suo  
Labente cursu sole, cum clarissimos  
Ages triumphos. Solus implebis loca  
Permulta caeli, uacua quae fecit nefas  
Rabidi Tyranni, fidus inuicta manu  
Quem depulisti signa bellantis Dei  
Mecum secutus. Orbis a fraude et dolo  
Tandem eximetur. Libera Europa et tibi  
Tunc ponet aras...»*

*‘Ó nobre príncipe, protector da Europa, alegre-te com a tua sorte. Agora, a vigilância de gente que não dá tréguas, na sua perversidade, sobrecarrega-te os ombros com os seus crimes. Tempo virá em que, no deslizar dos sóis, obterás retumbantes triunfos. Só tu ocuparás um grande número de lugares do Céu, que a impiedade do raivoso Tirano deixou vazios. Tu o destronaste com a mão invencível, seguindo fielmente comigo os sinais do Deus dos exércitos. Finalmente, o orbe libertar-se-á da perfídia e do engano. Então, a Europa livre erguer-te-á altares.*<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> Cf. Prol.01.30-38.

<sup>30</sup> A representação desta tragicomédia ocorreu durante as denominadas Guerras de Religião ou Guerra dos Huguenotes, em França: estava em curso a quinta guerra (1574-1576), que os católicos venceram.

<sup>31</sup> Cf. LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, X. 92. 01.

<sup>32</sup> Cf. Prol. 01.19-23.

<sup>33</sup> Cf. Prol.01.16-27.

Neste crescendo de denúncia, o Arcanjo S. Miguel menciona, agora, os crimes contra Deus (*nefas*<sup>34</sup>). Alarga-se, também, o âmbito geográfico da perda humana, com o Anjo da Guarda de África a manifestar grande inquietação pela eterna condenação *dessa gente sem Lei, quase infinita*<sup>35</sup>, intensificada pela apóstrofe e pela interrogação retórica:

«...           ...           ...           *O nostri chori*  
*Laus prima, certis cuius auspiciis genus*  
*Pium, Tonantem debito cultu colit.*  
*Effare quando finis aut orbi, aut meis*  
*Dabitur querelis? Afra gens frustra meo*  
*Munita clypeo, uadit in stygios lacus*  
*Et feta flammis sempiternis Tartara.*  
*Quam densa pluuio grando de caelo cadit,*  
*Aquilone nubes quando Sarmatico rigent,*  
*Tam multa Barathri luridum in stagnum ruit*  
*Afris ab oris copia. ... ..»*

‘Ó primeiro louvor do nosso coro, sob a tua resoluta autoridade, a raça dos piedosos adora com merecido culto o Deus do Universo! Conta-nos, quando é que se porá fim ao mundo ou às queixas dos meus?  
A raça africana, em vão protegida com o meu escudo, se precipita nos lagos infernais e nos tártaros prenhes de chamas eternas. Assim como o denso granizo cai do pluvioso céu quando as nuvens se entumecem com o vento Sarmático, assim é grande a multidão que, das costas de África, se precipita no pálido lago do Báratro.’<sup>36</sup>

Mas se em África, *dos bens do mundo avara*<sup>37</sup>, aqui tão próxima, reinam os fantasmas e campeia a superstição (*Et spectra regnant, et superstitio uiget*<sup>38</sup>), desde a desembocadura próxima do rio Nilo até aos vastos rochedos do Mar Vermelho (*Ab hoc propinquo fluminis Nili ostio / Ad illa uasta saxa purpurei freti*<sup>39</sup>), semelhante visão pungente nos é

---

<sup>34</sup> Cf. Prol.01.22.

<sup>35</sup> Cf. *Os Lusíadas*, X. 92. 08.

<sup>36</sup> Cf. Prol.02.78-88.

<sup>37</sup> Cf. *Os Lusíadas*, X.92.03.

<sup>38</sup> Cf. Prol.02.74.

<sup>39</sup> Cf. Prol.02.75-76.

transmitida pela voz do Anjo da Guarda da Ásia, cujos povos ignoram a existência de Deus e prestam culto aos astros:

«...           ...           ...           *Nemo tot Prouinciis*  
*Quot solis ortu flammeo ardentis calent,*  
*Attolit oculos. Luna quam uersatili*  
*Orbis rotatu primus obuoluit, Dea*  
*Passim uocatur: clara quae praebet diem*  
*Iussu Tonantis flamma cultores habet*  
*Numero carentes. Astra quae noctem uago*  
*Solantur atram lumine, innumeros sui*  
*Sortita cupidos, obtinent altaria.*  
*Ignotus horum conditor iacet Deus.»*

*‘Ninguém ergue o seu olhar em tantas províncias quantas as que são aquecidas pelos raios flamejantes do Sol nascente. A Lua que o Orbe, na sua rota giratória, foi o primeiro astro a envolver, deusa é chamada por toda a parte. Com a claridade da sua luz dá origem ao dia por ordem do Omnipotente, tem um número incontável de adoradores. Os astros, que alegam a noite escura com a sua luz errante, têm os seus altares com inúmeros devotos. Deus, seu criador, permanece um desconhecido para eles.’<sup>40</sup>*

Justifica-se, deste modo, a imperiosa urgência do anúncio da Boa Nova a todos os povos, e da sua conversão, que decorria das normas emanadas pelo Concílio de Trento (1545-1563), das Fórmulas do Instituto da Companhia de Jesus e da preparação próxima do Ano Santo de 1575<sup>41</sup>, o que conferia maior dignidade ao tema. Gravidade maior lhe emprestava ainda a gesta lusa dos descobrimentos, que abriu perspectivas de expansão da cristandade. Sensibilizado pelas novas exigências, Inácio de Loiola (1491-1556) respondeu positivamente ao apelo de D. João III, quando lhe enviou Simão Rodrigues e Francisco Xavier. Chegaram a

---

<sup>40</sup> Cf. Prol.02.60-70

<sup>41</sup> O Ano Santo inicia-se no dia de Natal, com a abertura solene da Porta Santa, na Basílica de S. Pedro, em Roma. O primeiro Ano Santo foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII, a 22 de Fevereiro de 1300, com a publicação da bula *Antiquorum habet*. Paulo II, pela bula *Ineffabilis Providentia*, de 19 de Abril de 1470, fixou a sua periodicidade em vinte e cinco anos.

Lisboa na Primavera de 1540. Enquanto o primeiro permanecia em solo lusitano, Xavier partia para o Oriente, tendo chegado a Goa dois anos mais tarde, no dia 6 de Maio.

A obra missionária dos jesuítas havia de estender-se ao Brasil (Manuel da Nóbrega, em 1549; José de Anchieta, em 1553), à Etiópia (Nunes Barreto, 1556), a Angola (Francisco de Gouveia, em 1560), e à ilha de Moçambique (Gonçalo da Silveira, em 1560).

Imbuído por este espírito missionário de expansão da Fé cristã, pois o afastamento de Deus atirou a humanidade para o culto dos ídolos de madeira ou pedra, ou mesmo dos astros, Luís da Cruz não se coíbe de reafirmar a presença de Deus como divindade suprema do Universo (*Animose caeli ductor*)<sup>42</sup>, o criador de todas as coisas (*sator rerum*)<sup>43</sup>. Em ambiente literário marcado pela pervivência da Antiguidade Clássica, esta imagem do Pai Eterno (*Aeternus pater*)<sup>44</sup> dos cristãos é reforçada com os atributos *rector aeterna poli*<sup>45</sup>, *genitor*<sup>46</sup>, *sator*<sup>47</sup>, *domitor*<sup>48</sup> e o adjectivo *tonans*<sup>49</sup>, epítetos do pai dos deuses, na mundividência pagã: Júpiter, assimilado a Zeus dos gregos. A força do poder divino é traduzida pela expressão *numen aeternum*<sup>50</sup>, apenas por *numen*<sup>51</sup>, ou ainda por *Oraculum*. Procura-se transmitir, a uma assembleia muito heterogénea, a imagem de um Deus Omnipotente, «O Todo Poderoso», como é apelidado nos *Génesis*<sup>52</sup>. Em estreita ligação com as concepções divinas

---

<sup>42</sup> Cf. Chor. I.959.

<sup>43</sup> Cf. Chor. I.1012.

<sup>44</sup> Cf. Prol. II.93.

<sup>45</sup> Cf. Prol.I.40.

<sup>46</sup> Cf. I.2.234. Ou mesmo *magne genitor* (II.13.1555).

<sup>47</sup> Cf. II.15.1643 e 1654.

<sup>48</sup> Cf. III.12.2108.

<sup>49</sup> Cf. Prol. 99. Este epíteto é reiterado nos seguintes versos: *tonanti* (Prol.01.30 e 02.99), *tonantis* (Prol.02.66 e 126) e *tonantem* (Prol.02.80). Em *Os Lusíadas*, Júpiter ora aparece identificado com *Tonante* (I.22.; II.41; VI.78), ora com *Jove* (X.4), ora com *Padre* (I.22.01, 38, 40, 41...).

<sup>50</sup> Cf. I.5.389.

<sup>51</sup> Cf. I.1.162, 182, 185 e 207; Chor. I.890.

<sup>52</sup> Cf. *Gén.* 17.1; 28.3; 35.11; 43.14 e 48.3.

do mundo antigo, ocorrem também as designações de Céu (*Olympus*<sup>53</sup>, *polus*<sup>54</sup>), de inferno (*auernus*<sup>55</sup>, *barathrum*<sup>56</sup>, *orcus*<sup>57</sup>, *stygius*<sup>58</sup>, *tartareus*<sup>59</sup>, *tartarus*<sup>60</sup>), de ventos (*borealis*<sup>61</sup>, *aquilo*<sup>62</sup>, *auster*<sup>63</sup>, *eurus*<sup>64</sup>, *zephyrus*<sup>65</sup>) e do diabo (*tyrannus*<sup>66</sup>). Mas também aparecem outras referências convencionais da cultura greco-latina: o rio Aqueronte<sup>67</sup>, a passagem para o mundo dos mortos; Plutão, deus dos Infernos<sup>68</sup>; o Averno, para o inferno<sup>69</sup>; o Orco<sup>70</sup>, para a morada dos mortos, na linguagem familiar, mas também o deus Plutão, entre os eruditos; os Campos Elísios, para o Paraíso<sup>71</sup> e o Flegetonte, rio dos infernos<sup>72</sup>.

Manifesta o dramaturgo jesuíta, deste modo, a sua integração no contexto do Renascimento: numa espécie de *captatio benevolentiae*, a *inuentio* humanista emprestou maior solenidade ao texto, fazendo convergir a mundividência pagã com a imagética cristã. É um teatro, escreve Luís de Sousa Rebelo, «enformado pelo espírito do humanismo

---

<sup>53</sup> Cf. I.9.709; Chor. I.975.

<sup>54</sup> Cf. Prol. 01.12 e 40.

<sup>55</sup> Cf. Chor. I.975; III.05.1919.

<sup>56</sup> Cf. Prol. 02.87; I.8.590; II.01.1039.

<sup>57</sup> Cf. Prol. 01.57; Cor. I.897.

<sup>58</sup> Cf. Prol. 02.83.

<sup>59</sup> Cf. Chor.I.977; III.14.1886.

<sup>60</sup> Cf. Prol. 01.46; 02.84 e 107; II.01.1029, 1047; II.02.1064, 1080; II.03.1126; II.04.1142.

<sup>61</sup> Cf. I.11.796 e 823.

<sup>62</sup> Cf. Prol. 02.86; Chor.IV.3130.

<sup>63</sup> Cf. I.11.795.

<sup>64</sup> Cf. I.11.822.

<sup>65</sup> Cf. Chor.I.887; V.13.3908.

<sup>66</sup> Cf. Prol.01.23.

<sup>67</sup> Cf. II.01.1034.

<sup>68</sup> Cf. II.01.1036.

<sup>69</sup> Cf. II.01.1038.

<sup>70</sup> Cf. II.01.1060.

<sup>71</sup> Cf. Chor.II.1674.

<sup>72</sup> Cf. Chor.III.2486.

cristão, todo ele empenhado em conciliar a sedução dos valores estéticos com o sentido da moral canónica»<sup>73</sup>.

De feição eminentemente formativa, apoiada na sumptuosidade do espectáculo, como é o caso do *Iosephus*, este teatro escolar facilitava a integração do aluno na comunidade académica e despertava o espírito de emulação. Esta *exercitatio* pública estava reservada fundamentalmente aos alunos da classe de retórica, que concluíam a sua formação humanística. Propiciava-se a formação integral do homem, que visava uma simbiose complementar da moral cristã com a educação intelectual, como observa Santo Inácio no proémio da Quarta Parte das *Constituições*<sup>74</sup>, numa antecipação da *Ratio Studiorum*, que conheceu versão definitiva em 1599<sup>75</sup>.

Todos nós conhecemos a importância que assumiu a mitologia clássica no discurso quinhentista em latim e em vernáculo. Com efeito, a seriedade intelectual do humanista e a escola do Renascimento impõem a assimilação do espírito com que foi criada pelos escritores da Antiguidade Clássica. Mas esta aceitação da simbologia mitológica greco-latina, em autores cristãos, não podia ser feita senão aceitando-a como mero ornato, num prenúncio claro do formalismo barroco: os deuses, escreve Luís de Camões, *só pera fazer versos deleitosos / servimos*<sup>76</sup>. A ninfa Tétis, que tinha acabado de conduzir Vasco da Gama e os companheiros a um cume de onde avistam *a grande máquina do Mundo*<sup>77</sup>, vai anunciar-lhes que é Deus *quem cerca em derredor este*

---

<sup>73</sup> “Teatro clássico”: *Dicionário de Literatura*. Dir. de Jacinto do Prado Coelho. 4º Vol. (Porto 1984) 1065.

<sup>74</sup> SANTO INÁCIO DE LOIOLA, *Constituições da Companhia de Jesus...*cit., 93-131.

<sup>75</sup> *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iseu*. Esta publicação resulta de um primeiro documento de trabalho, elaborado sob o generalato do P. Acquaviva, em Abril de 1586, a *Ratio atque institutio studiorum per sex Patres ad id iussu R. P. Praepositi Generalis deputatos conscripta*. Para mais pormenores, vide JOSÉ MANUEL MARTINS LOPES, *O projecto educativo da Companhia de Jesus. Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias* (Braga 2002) 111-113.

<sup>76</sup> Cf. *Os Lusíadas*, X. 82. 05-06.

<sup>77</sup> Cf. *Ibid.*, X. 80. 01.

*rotundo / Globo e sua superfície tão limada*<sup>78</sup>, que arrasta consigo a inevitável ruptura da fantasia mitológica, *porque eu, Saturno e Jano, / Júpiter, Juno, fomos fabulosos, fingidos de mortal e cego engano*<sup>79</sup>. Singular este último canto de *Os Lusíadas*, ao pôr termo à ficção mitológica: a par da manifestação da Providência Divina, emerge o homem do renascimento, a quem não falta na vida honesto estudo, / com longa experiência misturado<sup>80</sup>.

Esta aproximação de universos diferentes, o pagão e o cristão, reconhece o crítico italiano Carmelo Musumarra, não é alheia à tradição e às novas exigências sócio-culturais, como já aconteceu com a publicação da tragédia de assunto nacional contemporâneo, a *Ecerinis* (1315) de Albertino Mussato, precursor do humanismo italiano. Este fenómeno vai conduzir à tendência quinhentista de cristianizar a mitologia clássica<sup>81</sup>, como acabamos de ver entre nós, pois segundo Paul Kristeller, o «humanismo não era, no seu núcleo central, nem religioso nem anti-religioso, mas uma orientação literária e de estudo»<sup>82</sup>, que procurava o seu espaço de afirmação, tarefa facilitada pelo fascínio que exercia nos espíritos eruditos do tempo.

Objectivos semelhantes presidiam à empresa dos humanistas portugueses, que «visam sobretudo uma concordância entre a fé cristã e o pensamento da Antiguidade, a um compromisso irénico entre a tradição e as ideias novas»<sup>83</sup>. A posição assumida por André de Resende, na *Oratio pro Rostris* (1534), é uma manifestação eloquente desta atitude. Ao citar os escritos de Tertuliano, Lactâncio, S. Jerónimo, Santo Agostinho, S. Cipriano... interroga-se por que razão o leitor «é arrebatado, persuadido, tocado e deleitado. Por quê, pergunto, senão pelo benefício da

---

<sup>78</sup> Cf. *Ibid.*, X. 80. 05-06.

<sup>79</sup> Cf. *Ibid.*, X. 82. 02-04.

<sup>80</sup> Cf. *Ibid.* X. 154. 05-06.

<sup>81</sup> La poesia tragica italiana nel rinascimento (Firenze 1972) 28.

<sup>82</sup> Tradição clássica e pensamento do Renascimento. Trad. de Artur Morão (The Classics and Renaissance Thought ((Cambridge) Lisboa 1995) 79.

<sup>83</sup> LUIZ DE SOUSA REBELO, "Humanismo": *Dicionario de literatura*. Cit., II vol. (Porto 1984), 437.

eloquência junta à piedade? Por isso, vos aconselho, egrégios adolescentes, a que sempre conjugueis a elegância e o brilho de dicção com a sabedoria, e principalmente, com a divina Teologia.»<sup>84</sup> O humanista eborense já se havia feito eco da necessidade de conciliar as letras sagradas com os princípios do divino Platão<sup>85</sup> e do grande Aristóteles, assim como já tinha rotulado de petulante a afirmação de que «*Cristão sou, não ciceroniano*, como se o ornato do estilo contendesse com a religião!»<sup>86</sup> A coincidência entre os princípios pagãos e os preceitos cristãos, a propósito da lei eterna e imutável do coração humano leva-o a identificar Deus com Júpiter Supremo: «Há, de facto, uma lei eterna, que, como Cícero diz no 2.º livro *Das Leis*, tem o poder de chamar à prática das boas acções, e afastar dos pecados. Poder este que não só é mais antigo que os povos e as cidades, mas coevo daquele Deus que protege e rege o Céu e as terras, pois que nasceu com a mente divina. Por isso, a lei verdadeira e principal, apta para mandar e proibir, é a recta razão de Júpiter. Ora, estes princípios de tal modo foram formulados pelo mais ilustre príncipe da filosofia latina, que em nada divergem dos preceitos da nossa religião.»<sup>87</sup>

Nesta linha de pensamento se situa a colectânea de sentenças composta por André Rodrigues de Évora, editada em Lisboa, em 1554, sob o título *Primera parte de las sentencias... por diversos autores*

---

<sup>84</sup> ANDRÉ DE RESENDE, *Oratio pro Rostris (Oração de Sapiência)*, trad. de Miguel Pinto de Meneses e introdução de A. Moreira de Sá Lisboa (1956) 53. Esta oração de sapiência foi proferida na abertura do ano lectivo da Universidade de Lisboa, em 1534.

<sup>85</sup> Lopo Serrão fala-nos das obras do divino Platão: *Diuini... monumenta Platonis* [Vide SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema da velhice*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico; tradução e notas (Coimbra 1987) 474, IX.181].

<sup>86</sup> *Ibid.*, pp. 51 e 43.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 47.

*escripta*, em defesa de uma «complementaridade da mensagem de autores pagãos e cristãos»<sup>88</sup>.

Sob os auspícios desta tradição literária, «a conferir dignidade discursiva e identidade genológica à tragédia quinhentista»<sup>89</sup>, apareceu anónima, em 1563, na cidade de Coimbra, a publicação do poema *De Gestis Mendi de Saa*. Hoje sabe-se que o autor deste poema, que narra os feitos de Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil, foi um ilustre discípulo de Inácio, José de Anchieta, como demonstrou Américo da Costa Ramalho<sup>90</sup>. Também nesta edição, que precedeu a encenação do *Iosephus* em 1574, encontramos vocabulário do Renascimento: o epíteto *Tonans* atribuído a Deus, bem como *Rex Coeli*, *Rex Supernus* e *Magni Fabricator Olympi*; os nomes dos ventos clássicos como o Austro, o Euro, o Áfrico, o Noto, o Aquilão, o Bóreas e o ameno Zéfiro...<sup>91</sup> e até o céu é designado por *Olympus*. É que, como nos dizia Victor Jabouille, «a mitologia clássica, ao ser recebida, é integrada, passando a ser elemento constituinte natural e actualizado»<sup>92</sup>.

Do poema anchietano, onde, apesar deste espírito renascentista, também «Deus Trino e Uno é nele a força que preside aos destinos do

---

<sup>88</sup> NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, “A literatura de sentenças no humanismo português: *res et uerba*”: *Humanismo Português na época dos descobrimentos – Actas* (Coimbra 1993) 406.

<sup>89</sup> NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, “Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista em Portugal”: *Actas do Symposium Classicum I Bracarense — A mitologia clássica...* cit., 85.

<sup>90</sup> Vide AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, “Dois humanistas da Companhia de Jesus: José de Anchieta (1534-1597) e Duarte de Sande (1547-1600)”: *Actas do I Congresso Internacional Humanismo Novilatino e Pedagogia — Gramáticas, criações maiores e teatro* (Braga 1999) 87-98; “Padre Joseph de Anchieta, S. I., *De Gestis Mendi de Saa*”: *Para a história do humanismo em Portugal (III)* (Lisboa 1998) 203-205.

<sup>91</sup> AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, “O inferno no ‘De Gestis Mendi de Saa’ de Anchieta”: *Para a história do humanismo em Portugal (I)* (Coimbra 1988) 164.

<sup>92</sup> VICTOR JABOUILLE, “Histórias que a memória conta: os Antigos, os Modernos e a mitologia clássica”: *Actas do Symposium Classicum I Bracarense — A mitologia clássica ...* cit., (Braga 2000) 45.

homem»<sup>93</sup>, vamos citar um trecho evocativo da mansão infernal, que em Luís da Cruz congrega o maior número das ocorrências de mitónimos:

*«Quis memoret quali nomen celebretur honore  
Christe, tuum? quem pulsa procul nigrantia regni  
Agmina Tartarei; quam tristi caeca ululatu)  
Antra nigrae sonuere domus? Tremuere pauore  
Horrifico letale Chaos, Phlegetonque uoraces  
Eructans flammis, Stygiaeque horrenda lacunae  
Stagna, Acherontei fluctus, et Cerberus ingens  
Latratu terrens Plutonia regna trifauci  
Fleuerunt nigris informia monstra sub umbris  
Anguicomi coetus, et saeui exterrita Ditis  
Caeca tenebrosis immugiit aula cauernis;  
Ingemuit monstrum infelix, fera Belua, luxit,  
Lucifer ereptam saeui sibi gutture praedam;  
Squameus umbrosae Chaos in poenale Gehennae  
A facie, Rex Christe, tua, collabatur Anguis.»*

*‘Quem recordará com que honra se celebra o teu nome, ó Cristo? Como foram repelidos para longe os exércitos escuros do reino do Tártaro? Com que tristes gemidos soaram os antros da negra mansão? Tremeram de pavor horrífico o letal Caos e o flegetonte que vomita chamas vorazes, e os pântanos horrendos da lagoa Estígia, as ondas do Aqueronte e o Cérbero imenso que aterra com o seu ladrar trifauce os reinos de Plutão. Choram sob as negras sombras os monstros informes, a companhia dos que têm a cabeleira de serpentes e, aterrado, o cego palácio do cruel Dite soltou um mugido em suas cavernas tenebrosas. Gemeu esse monstro infeliz, a Besta feroz, chorou Lúcifer, de ter-lhe sido arrebatada a presa às goelas cruéis. A serpente escamosa da*

---

<sup>93</sup> AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, “As poesias de Anchieta em Português. Estabelecimento do texto e apreciação literária”: *Para a história do humanismo em Portugal (III)* cit., 194.

Neste volume, vide ainda “José de Anchieta em Coimbra”, “As poesias de Anchieta em Português. Estabelecimento do texto e apreciação literária” e “A obra de Anchieta e a literatura novilatina em Portugal”, respectivamente pp. 171-191, 193-196 e 197-202.

*sombria Gehena desliza para o Caos punitivo, fugindo da tua face, ó Cristo-Rei!*<sup>94</sup>

Concepção semelhante preside à produção teatral de Miguel Venegas que, na opinião de Margarida Miranda, iniciou, em Coimbra, no Colégio das Artes, uma nova poética dramática jesuíta<sup>95</sup>, conciliando as fontes bíblicas com a tradição clássica do humanismo renascentista. A tragédia *Achabus* foi representada em 1562 e é uma das mais antigas tragédias ali representadas pelos jesuítas. Evoca este texto a desdita do rei de Israel, Acab (918-897 a. C.) que, casado com a princesa fenícia Jezabel, permitiu que o culto às divindades de Sídon e Tiro viesse a prevalecer sobre o culto ao verdadeiro Deus de Israel. No campo da batalha contra os Sírios, uma flecha anónima vai trespassar o peito do rei anonimamente trajado de guerreiro. E também aqui o inferno se designa por Tártaro<sup>96</sup>, Estige<sup>97</sup>; a Deus se atribui o epíteto de Tonante<sup>98</sup> e na tempestade se manifesta a presença, à maneira virgiliana (*Aeneis*, vv. 1.81-89), do Noto<sup>99</sup> e do Euro e do suave Zéfiro<sup>100</sup>, do Áquilo<sup>101</sup> e do Austro<sup>102</sup>.

---

<sup>94</sup> Vv. 1160-1174. Versão portuguesa, com os mitónimos greco-latinos, de Américo da Costa Ramalho: "O inferno..." cit., 165-166. Vide ainda P<sup>o</sup>. JOSEPH DE ANCHIETA, *De gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S.J. (São Paulo 1986) (Obras completas — 1.º vol.).

<sup>95</sup> Cf. MARGARIDA MIRANDA, "O Colégio das Artes de Coimbra, berço de uma poética dramática": *Brotéria*, 157 (2003) 136. Segundo a tradição, os fundadores desta nova dramaturgia eram Stefano Tucci e Bernardino Stefonio.

<sup>96</sup> Vv.519 e 2266. As citações são feitas a partir da edição crítica e tradução, com notas, desta tragédia apresentada no âmbito da dissertação de doutoramento, ainda policopiada: MARIA MARGARIDA LOPES DE MIRANDA, *Miguel Venegas S.I. e o nascimento da tragédia jesuítica. A Tragoedia cui nomen inditum Achabus (1562)*. Edição crítica, tradução, comentário e notas (Coimbra 2002).

<sup>97</sup> *Ibid.*, v. 696.

<sup>98</sup> *Ibid.*, v. 947.

<sup>99</sup> *Ibid.*, v. 662.

<sup>100</sup> *Ibid.*, v. 664.

<sup>101</sup> *Ibid.*, v. 1110.

<sup>102</sup> *Ibid.*, v. 1111.

Este procedimento dos jesuítas não era alheio ao ambiente intelectual do Colégio das Artes, que teve nos mestres Jorge Buchanan e Diogo de Teive lídimos representantes desta tradição dramática. Do humanista bracarense é a tragédia *Ioannes Princeps tragoedia*<sup>103</sup>, embora de assunto nacional, também ela marcada por idêntico espírito renascentista: para Deus, reservam-se os epítetos *Rector* e *Auctor*<sup>104</sup>, *Regnator*<sup>105</sup> e *Superi*<sup>106</sup>; por aqui também sopram o Austro e o Noto<sup>107</sup>, e o Aquilão<sup>108</sup>, ou se nos evoca o inferno através do lago estige<sup>109</sup>, do tártaro<sup>110</sup> e do Orco<sup>111</sup>, ou o céu pelo supremo Olimpo<sup>112</sup> ou a guerra pelo deus Marte<sup>113</sup>. Mas ainda assim há-de imperar a providência divina.

Vem a propósito, neste momento, uma referência ao humanista eborense Lopo Serrão, autor de um poema latino sobre a velhice, *De senectute et aliis utriusque sexus aetatibus et moribus*, com a primeira edição em 1579, na cidade de Lisboa<sup>114</sup>. Com efeito, este poema, como já sublinhou Sebastião Tavares de Pinho, apresenta um caso raro de invocação à Virgem Maria, em lugar do habitual apelo à inspiração das Musas:

«*Alma Dei Genetrix, supplex tua numina posco  
nauiget ut felix haec mea cumba mari.  
Tu uero, aligeri regina puerpera coetus,  
uela senectutis flamine tende tuo.*»

‘Doce Mãe de Deus, suplicante imploro o teu poder,

---

<sup>103</sup> DIOGO DE TEIVE, *Tragédia do Príncipe João*. Introdução, texto, versão e notas de Nair de Nazaré Castro Soares. 2.ª edição revista e actualizada (Lisboa 1999).

<sup>104</sup> *Tragédia do Príncipe João...* cit., v. 97.

<sup>105</sup> *Ibid.*, v. 158.

<sup>106</sup> *Ibid.*, v. 248.

<sup>107</sup> *Ibid.*, v. 12.

<sup>108</sup> *Ibid.*, v. 14.

<sup>109</sup> *Ibid.*, v. 99 e 503.

<sup>110</sup> *Ibid.*, v. 273 e 515.

<sup>111</sup> *Ibid.*, v. 228.

<sup>112</sup> *Ibid.*, v. 115 e 653.

<sup>113</sup> *Ibid.*, v. 521.

<sup>114</sup> Vide Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão* cit.

*para esta minha barca ser feliz na travessia do mar.  
Sê tu, mãe e rainha do coro alado,  
a estender, com tua brisa, as velas da velhice.*<sup>115</sup>

Poder-se-á até afirmar que esta opção do humanista é reforçada com a evocação à Santíssima Trindade no *Liber undecimus*, que retoma em quatro diferentes formulações<sup>116</sup>, após outras tantas paráfrases sálmicas da Bíblia, respectivamente *Salmo 6* (vv.65-96), *Salmo 31* (vv.97-142), *Salmo 37* (vv.143-202) e o *Salmo 50* (vv. 203-268):

«*Gloria sit Patri, Nato cum Flamine Sancto,  
unica maiestas et socialis amor.*»

‘*Glória ao Pai, ao Filho com o Espírito Santo,  
uma só majestade e um mútuo amor.*’<sup>117</sup>

No âmbito da literatura novilatina de autores portugueses, encontramos mais três exemplos desta invocação à Virgem: os dois primeiros

---

<sup>115</sup> Cf. *Ibid.*, 292-293, I.7-10. Também neste poema há a invocação a Deus através dos epítetos *Conditor orbis* (V.205), *Genitor* (II.59), *Moderator Olympi* (XII.613), *Numen* (V.294; XII.707); *Numina Caeli* (X.791); *Omnipotens Rector* (V.189), *Pater Optime* (I.259; XI.133 e 273), *Rector Olympi* (X.815; XI.147, 195 e 251) e *Tonans* (III.270; XI.391; XIV.115); do céu, com a designação de *Elysios agros* (I.64), *Olympus* (IX.199; X.825), *Polus* (III.86 e 262; V.184; IX.118, 794 e 810; XI.88 e 124), *Superus* (I.160; II.58; V.252; IX.120 e X.791; XII.619); ao inferno através de Aqueronte (IX.385 e 435), de Averno (XIII.383), de Caronte (V.236), do Érebro (IX.321; XIV.405), do lago Estige (IX.148, 386, 437 e 588; XIII.471), do rio Flegetonte (VI.314; XIII.471), do Orco (II.249; IX.65 e 387; XI.71; XIII.921) e do deus Plutão (IX.26; XII.911; XIV.405), evocado com o epíteto Tirano (II.247), do Tártaro (IX.183; XIV.625); à justiça, com a deusa Astreia (V.33); à fertilidade dos campos, com a deusa Ceres (V.202; XI.144). Mas também marcam presença as deusas Junho (IX.382; XIV.331), Minerva (VIII.138 e 365; XIV.331), Vénus (III.252; V.62; VI.295; VIII.01, 63, 86, 103, 108, 114, 115, 131, 229, 238, 239, 267, 295, 305 e 307...), os deuses Baco (VI.225; VIII.65 e 66; IX.704), Cupido (VI.170 e 294; VIII.02; IX.703; XIII.494), Marte (IV.45 e 150), Neptuno (VI.102), os ventos Zéfiros (VIII.514) e o Éolo (XI.118), e o herói Hipólito (I.210; IX.287).

<sup>116</sup> Cf. *ibid.*, 570, vv. 141-142; p. 572, vv. 201-202; p. 576, vv.267-268; p. 582, vv. 390-301; p. 586, vv. 439-440.

<sup>117</sup> Cf. *ibid.*, p. 566, XI.95-96.

nos opúsculos do humanista aveirense Aires Barbosa, publicados em 1515 (*Relectio cui titulus Empometria*) e 1517 (*Relectio cui titulus Orthographia*), e um terceiro no poema *Consecratio* (1536) do humanista Jorge Coelho<sup>118</sup>.

O hábito de cristianizar as expressões da mitologia clássica parece recuar ao primórdios do cristianismo, com os autores cristãos do século III, nomeadamente Comodiano, Juvenco, Prudêncio e Santo Ambrósio. Como refere José GERALDES FREIRE, nos comentários à obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos (1523-1599)<sup>119</sup>, também ela com reminiscências classicistas — chama a Jesus *Numen Christi* e aos santos *Diui*; na invocação a Deus usa expressões como *Dii Immortales*, *Moderator Olympi*, *Pia numina*, *Superi* e *Tonans*<sup>120</sup> — a própria liturgia católica as adoptou em alguns casos, como o Breviário Romano, que é a oração oficial da Igreja e ainda hoje as conserva. E no Livro dos Salmos, da Bíblia Sagrada, podemos mesmo referenciar o epíteto *Tonans* (Cf. *Psalmi*, 18.14).

Espírito idêntico animou os primeiros cristãos no âmbito da sua actividade evangelizadora, quando integraram na sua linguagem referências ao espírito agónico contemporâneo, de natureza pagã. A mensagem torna-se mais persuasiva, na medida em que permite uma maior aproximação à vivência quotidiana de povos que amavam os divertimentos públicos. Exemplo eloquente desta convergência é este extracto de uma carta que S. Paulo dirigiu à comunidade cristã de Corinto:

*'Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, assim, para o alcançardes. Os atletas impõem a si mesmos toda a espécie de privações: eles, para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém, para ganhar uma coroa incorruptível.*

---

<sup>118</sup> Cf. *ibid.*, pp. 763-764.

<sup>119</sup> Cf. JOSÉ GERALDES FREIRE, *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos* (Coimbra 1962). A *editio princeps*, feita na cidade de Évora, data de 1591.

<sup>120</sup> Cf. *ibid.*, 63.

*Assim, também eu corro, mas não às cegas; dou golpes, mas não no ar. Castigo o meu corpo e mantenho-o submisso, para que não aconteça que, tendo pregado aos outros, venha eu próprio a ser eliminado.*<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> Cf. *I Cor.* 9, 24-27: *Bíblia Sagrada* cit., 1875. Vide PAULA BARATA DIAS, “O sucesso da metáfora desportiva na literatura cristã”: FRANCISCO DE OLIVEIRA (Coord.), *O espírito olímpico no novo milénio* (Coimbra 2000) 165-182.

**190** António Maria Martins Melo  
A mitologia clássica no humanismo do renascimento português

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Reflectimos sobre a importância que assumiu a mitologia clássica no discurso quinhentista em latim, em que se assiste a uma aproximação com a mundividência cristã. Atitude idêntica se observa em autores cristãos do séc. III e em textos da própria Bíblia.

**Palavras-chave:** Mitologia clássica; Renascimento; Humanismo.

**Resumen:** Reflexionamos sobre la importancia que la mitología clásica asumió en el discurso quinientista en latín, donde se assiste a una aproximación a la mundividencia cristiana. Actitud idêntica se observa en autores cristianos del s. III y en textos de la propia Biblia.

**Palabras clave:** Mitología clásica; Renacimiento; Humanismo.

**Résumé:** Nous prétendons réfléchir à l'importance que la mythologie classique obtint au sein du discours seiziémiste en latin, où l'on assistait à un rapprochement avec la vision chrétienne du monde. Une attitude identique peut être observée au sein d'écrivains du III<sup>e</sup> siècle et dans des textes de la Bible même.

**Mots-clé:** Mythologie classique; Renaissance; Humanisme.